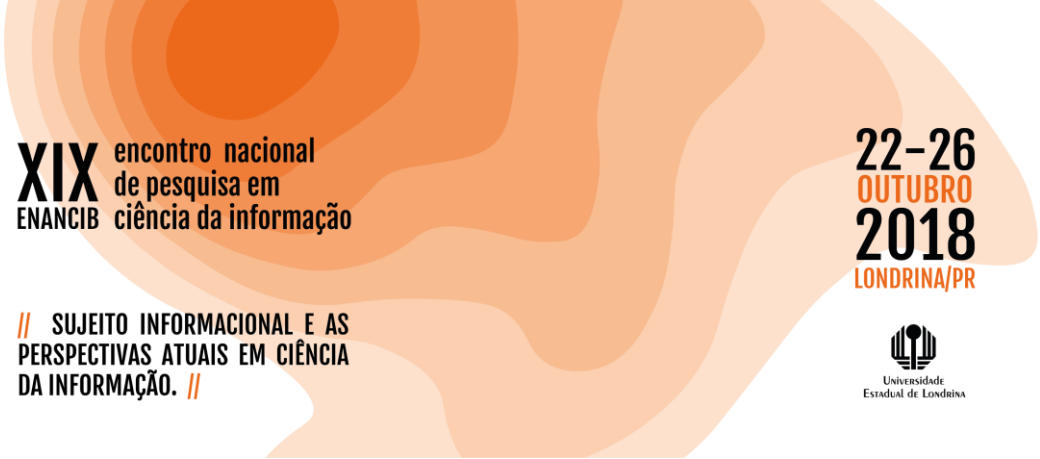




XIX encontro nacional
de pesquisa em
ENANCIB ciência da informação

// SUJEITO INFORMACIONAL E AS
PERSPECTIVAS ATUAIS EM CIÊNCIA
DA INFORMAÇÃO. //

22-26
OUTUBRO
2018
LONDRINA/PR



XIX ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2018

GT-3 – Mediação, Circulação e Apropriação da Informação -

PRÁTICAS INFORMACIONAIS: O PERFIL DE MULHERES TRANSEXUAIS E TRAVESTIS DO ESPAÇO LGBT

Laelson Felipe Da Silva (Universidade Federal da Paraíba - UFPB)

Gisele Rocha Côrtes (Universidade Federal da Paraíba - UFPB)

INFORMATION PRACTICES: THE PROFILE OF TRANSEXUAL WOMEN AND TRAVESTIS OF LGBT SPACE

Modalidade da Apresentação: Pôster

Resumo: O presente estudo apresenta os resultados preliminares da pesquisa de mestrado intitulada programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba (PPGCI/UFPB). Tem como objetivo delinear o perfil de mulheres transexuais e de travestis usuárias do Centro Estadual de Referência dos Direitos de LGBT e Enfrentamento à Homofobia na Paraíba (Espaço LGBT), com fins de compreender suas práticas informacionais, visto que os marcadores sociais inerentes a este público são o primeiro aspecto a ser analisado no intuito de compreender suas práticas. Em geral, estes sujeitos são marginalizados por não corresponderem às expectativas sociais e se apresentarem de modo distinto às expressões de gênero e sexualidade hegemonicamente aceitáveis. As práticas informacionais se inserem no conceito de *práxis*, de modo a compreender aspectos objetivos e subjetivos das ações dos sujeitos informacionais contextualizando-os. O trabalho associa o conceito de práticas informacionais à categoria analítica e metodológica relações de gênero, considerando analisar sujeitos e compreender os diversos eixos de subordinação historicamente construídos que estruturam as experiências de travestis e mulheres transexuais. A metodologia possui natureza quantitativa e qualitativa e caráter exploratório. Caracteriza-se como uma pesquisa documental e de campo, descritiva e correlacional. Para a análise será utilizada a estatística descritiva e a perspectiva da interseccionalidade. Compreender como se dinamizam as práticas informacionais de travestis e mulheres transexuais oferece subsídios teóricos e práticos para a equidade de gênero e respeito à diversidade.

Palavras-Chave: Práticas Informacionais; LGBTs; Relações de Gênero; Informação; Interseccionalidade.

Abstract: The present study presents the preliminary results of the master's research entitled "Informational Practices: LGBTs and Empowerment in LGBT Space", qualified in June 2018 in the Post-

Graduation Program in Information Science of the Federal University of Paraíba (PPGCI / UFPB). It aims to outline the profile of transsexual and transvestite women users of the LGBT State Reference Center for LGBT Rights and Confrontation with Homophobia in Paraíba (LGBT Space), in order to understand their information practices, since the social markers inherent to this public are the first aspect to be analyzed in order to understand their practices. For in general, these subjects are marginalized because they do not meet social expectations and present themselves differently to expressions of gender and sexuality that are hegemonically acceptable. The information practices insert in the concept of praxis, in order to understand objective and subjective aspects of the actions of the informational subjects contextualizing them. The paper associates the concept of informational practices with the analytical and methodological category of gender relations, considering the analysis of subjects and understanding the various axes of historically constructed subordination that structure the experiences of transvestites and transsexual women. The methodology has quantitative and qualitative nature and exploratory character. It is characterized as documentary and field research, descriptive and correlational. For the analysis will be used the descriptive statistics and the intersectionality perspective. Understanding how the informational practices of transvestites and transsexual women are promoted offers theoretical and practical support for gender equity and respect for diversity.

Keywords: Informational Practices; LGBTs; Gender Relationships; Information; Intersectionality.

1 INTRODUÇÃO

No Brasil os números acerca da violência direcionada à Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais e Travestis (LGBTs) decorrente do ódio à sua orientação sexual e/ou identidade de gênero, a LGBTfobia, são alarmantes. A cada 19 horas um LGBT é assassinado ou comete suicídio como resultado de ações preconceituosas e discriminatórias. No ano de 2017, o Brasil foi o responsável por 40% das mortes de travestis e transexuais no mundo (GGB, 2018). Em geral, estes sujeitos são marginalizados por não corresponderem às expectativas sociais e se apresentarem de modo distinto às expressões de gênero e sexualidade hegemonicamente aceitáveis, o que implica no cerceamento do seu direito à expressão e em pouca representatividade. Consequentemente, considera-se fundamental conhecer suas práticas informacionais.

Os estudos em Ciência da Informação referentes à análise das práticas informacionais vêm ampliando suas fronteiras e trazendo à cena sujeitos informacionais diversos. Eles possibilitam a compreensão de fenômenos que correlacionam o indivíduo e o mundo que o cerca, de modo a concebê-lo como um ser relacional que age segundo estruturas específicas ao mesmo tempo em que participa na estruturação das mesmas (ARAÚJO, 2017).

Estudar sujeitos transexuais e travestis à luz das práticas informacionais permite compreender, dentre outros aspectos, questões como a existência dos códigos hierárquicos

de gênero, os quais não se reduzem a uma “simples representação mental, uma fantasia (‘idéias na cabeça’), uma ideologia” mas estão incorporados no *habitus* (BOURDIEU, 1999, p.53), nas estruturas objetivas, convertendo-se em esquemas de percepção, de pensamento e ação que alicerçam relações de dominação.

Sob este prisma da reelaboração de disposições, um dos desafios está na carência da produção de dados oficiais sobre o perfil e as problemáticas específicas enfrentadas pela população LGBT. No Brasil os números, em geral, baseiam-se em notícias publicadas nos meios de comunicação e informações pessoais (CARRARA, et al, 2017). Nessa dinâmica, a organização e a disponibilização dos dados e a disseminação de informação estatística oficial sobre o perfil de usuários/as LGBTs que acessam órgãos específicos de atendimento é de suma importância.

A presente pesquisa tem como objetivo delinear o perfil de mulheres transexuais e travestis usuárias do Centro Estadual de Referência dos Direitos de LGBT e Enfrentamento à Homofobia na Paraíba (Espaço LGBT). Postula-se que o estudo se torna relevante para a Ciência da Informação ao trazer à cena sujeitos informacionais historicamente marginalizados e haja vista a carência de estudos sobre LGBTs no campo.

2 PRÁTICAS INFORMACIONAIS E RELAÇÕES DE GÊNERO

É no âmbito das ciências humanas e sociais que é concebido o entendimento de “práticas informacionais”. O conceito está basicamente alicerçado na “ideia de ‘práxis’, isto é, o movimento por meio do qual os sujeitos agem no mundo e, como causa e também consequência dessa ação, constroem esse mesmo mundo” (ARAÚJO, 2017, p. 220). Desta maneira é que se insere a perspectiva da “práxis da informação” de Savolainen (2007), na qual toda prática que envolve a informação é uma prática social (ROCHA; GANDRA; ROCHA, 2017). “Informação diz respeito não apenas ao modo de relação dos sujeitos com a realidade, mas também aos artefatos criados pelas relações e práticas sociais, probabilidade de sentido” (MARTELETO, 1995, p. 2).

Associar o conceito de práticas informacionais à categoria analítica e metodológica das relações de gênero possibilita romper e ressignificar explicações biologizantes das desigualdades de gênero, orientação sexual, dentre outras. Gênero é compreendido, neste estudo, como um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos. Gênero é uma forma primária de dar significado às relações de

poder (SCOTT, 1990, p. 86). Isto fundamenta representações hegemônicas de gênero que baseiam práticas discriminatórias contra LGBTs, as quais enunciam matrizes de significados inscritos nas estruturas objetivas e subjetivas. Nesta dinâmica, a homossexualidade e os sujeitos LGBTs são identificados simbolicamente como desviantes, precários e abjetos (BUTLER, 2011).

Ferreira (2009), ao investigar a informação social comunicada no corpo das travestis, analisa a hermética interpretação da informação nestes corpos pela sociedade. O autor assume a concepção de que, à amplitude do entendimento do conceito de informação, pode ser incluída uma definição que a compreenda como componente transformador de estruturas (BELKIN; ROBERTSON, 1976), sendo uma destas estruturas o corpo, que se expressa em gestos, na forma e em técnicas corporais.

3 METODOLOGIA

O trabalho apresenta caráter exploratório e buscou descrever o perfil de mulheres transexuais e das travestis usuárias do Espaço LGBT. Quanto aos seus objetivos, configura-se como descritiva, visto que busca descrever diversas situações e relações que ocorrem nas múltiplas instâncias da ação humana (SAMPLERI, 2006).

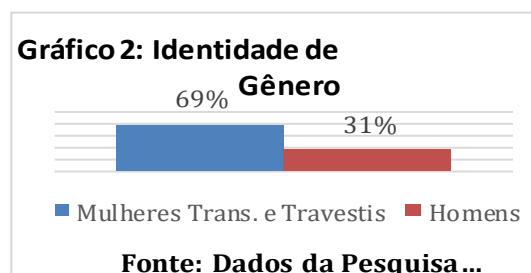
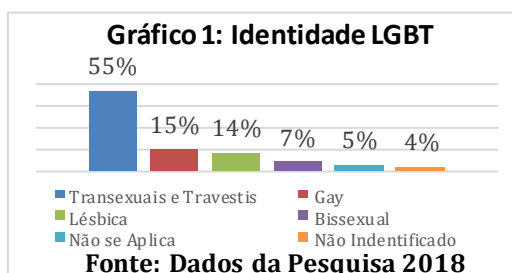
O Espaço LGBT, criado em junho de 2011, apresenta como missão, promover a cidadania, direitos humanos de LGBTs, o enfrentamento à LGBTfobia e a discriminação por orientação sexual e identidade de gênero, oferecendo assistência psicológica, jurídica e social, à população LGBT e familiares. Desde a sua implantação até o ano de 2017, a instituição realizou 10.164 (dez mil, cento e sessenta e quatro) atendimentos e cadastrou 1.325 (mil, trezentos e vinte e cinco) usuárias/os. Tomando o recorte temporal entre 2015 a 2017, selecionou-se as 206 mulheres transexuais e travestis que acessaram a unidade informacional.

A pesquisa, de cunho quantitativo e qualitativo, busca descrever indicadores e tendências do perfil das mulheres transexuais e travestis usuárias do Espaço LGBT e posteriormente analisar como os marcadores sociais de gênero, orientação sexual, classe e caracterização étnico-racial podem influenciar as práticas informacionais (MINAYO; SANCHES, 1993). A natureza das fontes é documental, ao utilizar as fichas de atendimento para mapear o perfil das usuárias.

A associação do conceito de práticas informacionais (ARAÚJO, 2017; MARTELETO, 1995) e interseccionalidade (PISCITELLI, 2008) busca rejeitar a ideia de uma experiência homogênea e universal na vivência da transexualidade e travestilidade. Objetiva-se apreender as multiplicidades, como os marcadores sociais se relacionam e interagem na vida de travestis e mulheres transexuais. Segundo Piscitelli (2008, p. 263) o termo “interseccionalidade” foi cunhado em 1989 pela feminista estadunidense Kimberlé Crenshaw. A abordagem interseccional alude às teorizações sobre a “multiplicidade de diferenciações que, articulando-se a gênero, permeiam o social”. A interseccionalidade busca analisar como a inserção combinada de marcadores sociais de raça, classe, sexualidade, regionalidade, entre outros, se entrelaçam e influenciam a existência e as práticas sociais dos sujeitos.

4 RESULTADOS PARCIAIS

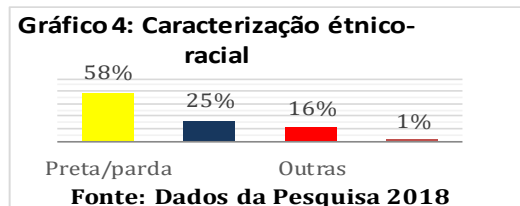
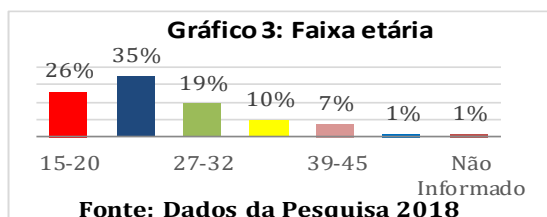
A escolha por mulheres transexuais e travestis¹ decorreu de sua representatividade numérica no universo da pesquisa e pela complexidade dos marcadores sociais associados à sua vivência. No total de 546 usuários/as que acessaram o Espaço LGBT, no período de 2015 a 2017, 35 (12%) usuárias se auto identificaram como travestis e 169 (57%) como mulheres transexuais, correspondendo a 69% do total de pessoas transexuais, conforme exposto no gráfico 2.



As mulheres transexuais e as travestis são em sua maioria jovens, estando 61% delas na faixa etária entre 15 a 26 anos (Gráfico 3). No gráfico 4, evidencia-se que 58% das usuárias são pretas/pardas. Este é um importante aspecto, pois a imbricação entre identidade de

¹ **Identidade de gênero:** É a maneira como alguém se sente e se apresenta para si e para as demais pessoas como masculino ou feminino, ou ainda pode ser uma mistura de ambos, independentemente do sexo biológico ou da orientação; **Orientação Sexual:** se refere à atração afetivo sexual por alguém de algum/ns gênero/s; **travesti:** são travestis as pessoas que vivenciam papéis de gênero feminino, mas não se reconhecem como homens ou mulheres, mas como membros de um terceiro gênero ou de um não-gênero; **transexual:** termo genérico que caracteriza a pessoa que não se identifica com o gênero que lhe foi atribuído quando de seu nascimento (JESUS, 2012).

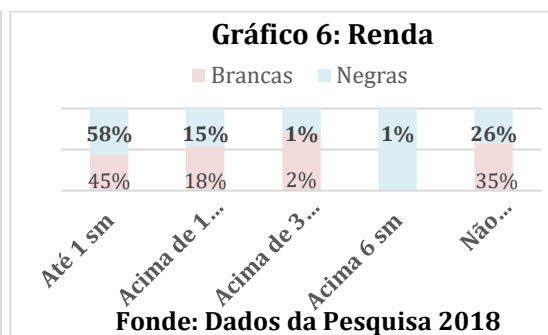
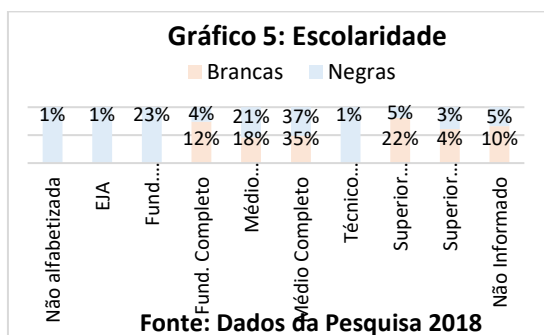
gênero e raça evidência vivências marcadas por vulnerabilidades, conforme análise abaixo descrita.



A vivência de sujeitos LGBTs negros/as, de forma geral, é marcada por inúmeras abjeções e preconceitos que, associados ao gênero, se exprimem em disparidades salariais e escolares, pois a objetificação de corpos negros, de corpos de mulheres negras é histórica e resulta em violências diversas, sendo a “violência sexual colonial” o amálgama “de todas as hierarquias de gênero e raça presentes em nossas sociedades” (CARNEIRO, 2003, p. 1). As mulheres transexuais e travestis negras, sofrem duplamente: por não incorporarem o gênero que lhes fora imposto e por se distanciarem da figura estereotipada do homem negro heterossexual, viril, fisicamente forte, voraz (LIMA; CERQUEIRA, 2012, p. 2).

De modo geral, a existência de mulheres transexuais e travestis associa-se a condições e situações específicas, que envolvem repúdio social e associação à marginalidade (JESUS, 2012). Isso demanda uma percepção sensível ao modo como elas desenvolvem suas práticas informacionais para resistir e ressignificar as estruturas de poder na qual se inserem.

Compreende-se as especificidades da vivência de mulheres transexuais e travestis negras e brancas, no presente trabalho, ao analisar-se isoladamente escolaridade e renda, com perceptíveis desigualdades, atestadas nos gráficos 5 e 6.



De modo geral, a escola é um ambiente de hostilidades para travestis e transexuais, que têm, por vezes, sua permanência vetada em espaços educacionais (BOHEN, 2016). Ao articular a identidade LGBT com a raça, as desigualdades são potencializadas. Transexuais e

travestis negras têm consideravelmente uma renda e escolaridade mais baixa: 25% delas sequer chega ao ensino fundamental completo e 58% recebe no máximo um salário mínimo. Souza e Bernardo (2014) afirmam que a dificuldade de obter vínculo empregatício é afetada pelo baixo índice de escolaridade de mulheres transexuais e travestis.

Além da transgeneridade, travestilidade e sexualidade serem marcadas como subversivas, há ainda outros aspectos destas estruturas estruturantes que respaldam as práticas sociais vigentes. Os marcadores sociais gênero, raça, etnia e classe social permeiam a vivência de travestis e transexuais, colocando-as em situação de vulnerabilidade. Considera-se que o acesso, a disseminação e apropriação da informação configuram-se como ferramentas fundamentais para que elas possam sobreviver, reivindicar e resistir aos eixos de opressão.

5 CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

Travestis e transexuais são vítimas de discriminações e preconceitos relacionados ao distanciamento com a identidade de gênero que foge do padrão binário de sexo/gênero, tendo em vista que transgridem as fronteiras daquilo que a sociedade considera normal, saudável e aceitável. Estudar sujeitos transexuais e travestis à luz das práticas informacionais se torna relevante para a Ciência da Informação pois o campo pode contribuir com as novas problemáticas históricas e sociais.

Delinear o perfil de mulheres transexuais e de travestis usuárias do Espaço LGBT permitiu verificar como a imbricação dos marcadores sociais de classe, raça/etnia e orientação sexual potencializam desigualdades e situações de vulnerabilidade. Não obstante, possibilitou verificar os primeiros aspectos que orientam suas práticas informacionais, análise que será, posteriormente, aprofundada com a realização de entrevistas semiestruturadas com mulheres transexuais e travestis para conhecer suas práticas e estratégias de resistências às abjeções e ao contexto de vulnerabilidade.

Trazer à tona tal contexto por meio do perfil dos/as usuários/as é de suma importância para que se tracem estratégias que possibilitem o acesso de mulheres transexuais e travestis a conteúdos informacionais, para garantia de sua sobrevivência e para percepção dos lugares subalternizados de modo que ressignifiquem tal situação, e conduzam seu processo de empoderamento individual e social.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. O que são “práticas informacionais”? **Informação em Pauta**, v. 2, p. 217-236, 2017. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6254121>>. Acesso em: 04 ago. 2018.
- BELKIN, Nicholas; ROBERTSON, Stephen. Information science and the phenomenon of information. **Journal of the Association for Information Science and Technology**, v. 27, n. 4, p. 197-204, 1976.
- BOHEN, Camila. **Pesquisa mostra que discriminação contra homossexuais está presente em escolas**. AGÊNCIA BRASIL. 2016. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2016-03/pesquisa-mostra-que-discriminacao-contra-homossexuais-esta-presente-em>> Acesso em: 09 ago. 2017.
- BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas**: sobre a teoria da ação. Papirus Editora, 1999.
- BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero**: Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.
- CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. **Racismos contemporâneos**, Rio de Janeiro, v. 49, p. 49-58, 2003. Disponível em: <latitudeslatinas.com/download/artigos/enegrecer-o-feminismo-a-situacao-da-mulher-negra-na-america-latina-a-partir-de-uma-perspectiva-de-genero.pdf>. Disponível em: 15 maio. 2018.
- CARRARA, et al. **Retratos da Política LGBT no Estado do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: CPESC, 2017.
- FERREIRA, Rubens da Silva. A informação social no corpo travesti (Belém, Pará): uma análise sob a perspectiva de Erving Goffman. **Ciência da Informação**, v. 39, n. 2, 2009. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/6104>>. Acesso em: 15 maio 2018.
- JESUS, Jaqueline Gomes de. Identidade de gênero e políticas de afirmação identitária. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE ESTUDOS SOBRE A DIVERSIDADE SEXUAL E DE GÊNERO DA ABEH, 6, 2012, Brasília. **Anais...** Brasília: ABEH. 2012. p. 1-15. Disponível em: <https://www.researchgate.net/profile/Jaqueline_Jesus/publication/233854734_Identidade_de_genero_e_politicas_de_afirmacao_identitaria/links/0912f50c2612f1ea35000000.pdf>. Acesso em: 15 maio 2018.
- LIMA, Ari; DE ALMEIDA CERQUEIRA, Filipe. Identidade homossexual e negra em alagoinhas. **Bagoas-Estudos gays**: gêneros e sexualidades, v. 1, n. 01, 2012. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2262>>. Acesso em: 04 ago. 2018.
- MARTELETO, Regina Maria. Cultura informacional: construindo o objeto informação pelo emprego dos conceitos de imaginário, instituição e campo social. **Ciência da informação**, v. 24, n. 1, 1995. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/613/615>>. Acesso em 20 jul. 2018.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; SANCHES, Odécio. Quantitativo-Qualitativo: Oposição ou Complementaridade? **Caderno Saúde Pública.**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, p. 239-262, 1993. Disponível em: < https://www.scielo.org/scielo.php?pid=S0102-311X1993000300002&script=sci_arttext&tlng=es>. Acesso em: 09 jul. 2018.

PISCITELLI, Adriana. Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. **Sociedade e cultura**, v. 11, n. 2, 2008. Disponível em:<<http://www.redalyc.org/html/703/70311249015/>>. Acesso em: 04 ago. 2018.

ROCHA, Eliane Cristina de Freitas; GANDRA, Tatiane Krempser; ROCHA, Janicy Aparecida Pereira. Práticas informacionais: nova abordagem para os estudos de usuários da informação. **Biblios**, n. 68, p. 96-109, 2017. Disponível em: <http://www.scielo.org.pe/scielo.php?pid=S1562-47302017000300007&script=sci_arttext&tlng=pt>. Acesso em: 07 jul. 2018.

SAMPIERI, Roberto Hernandez. Definição da pesquisa a ser realizada: exploratória, descritiva, correlacional ou explicativa. In: SAMPIERI, Roberto Hernandez; COLLADO, Carlos Fernández; LUCIO, María de Pilar Baptista. **Metodologia de pesquisa**. 3. ed. São Paulo: Mcgraw-hill, 2006. Cap. 5. p. 97-115.

SAVOLAINEN, Reijo. Information Behavior and Information Practice: Reviewing the "Umbrella Concepts" of Information-Seeking Studies. **Library Quarterly**, Chicago, v. 77 n. 2, p. 109-132. 2007. Disponível em: <<https://www.journals.uchicago.edu/doi/abs/10.1086/517840>>. Acesso em: 04 ago. 2018.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Sociedade**, Porto Alegre, v. 16, p. 5-22, 1990. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721>>. Acesso em: 8 ago. 2017.